

A preposição na gramática – uma análise sintático-semântica das preposições *a* e *de* em *Missa do Galo*

Barbara Miguel Alves*

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar sintática e semanticamente as ocorrências das preposições *a* e *de* no conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis. Conceituando as preposições como unidades linguísticas detentoras de significado (ora significado sintático, ora significado sintático-semântico) e polissêmicas dentro de distintos contextos, elas serão analisadas com a aplicação dos conceitos e das classificações de grandes nomes do estudo da gramática, como Evanildo Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Manuel Pinto Ribeiro, Walmírio Macedo, entre outros.

Para este artigo, todas as palavras, inclusive nas citações, foram atualizadas de acordo com a mais recente reforma ortográfica.

Convém ressaltar que a escolha pelo enfoque sintático-semântico fundamenta-se na seguinte afirmação de Evanildo Bechara:

(...) tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto. (BECHARA, 2009, p. 297)

Nesse sentido, não se deve priorizar a sintaxe em vez da semântica ou vice-versa. Elas se completam e/ou cooperam entre si, coadjuvando para o estudo, ensino e análise das questões pertinentes à nossa língua.

As preposições *a* e *de* em *Missa do Galo* – análise sintático-semântica

Este trabalho possui como corpus de análise as preposições *a* e *de* nos sintagmas preposicionais do conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, objetivando a observação, identificação, análise e caracterização das propriedades semânticas e

*Mestranda em literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio. Especialista em literatura brasileira e língua latina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em língua portuguesa pela Universidade Veiga de Almeida. Leciona língua portuguesa, literatura e redação desde 2010 e atua como docente de língua portuguesa e redação no CMRJ desde 2020. E-mail: profbarbaramalves@gmail.com

sintáticas das referidas preposições. Para fazer tal análise, fundamentamo-nos nos trabalhos de Evanildo Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima e Walmírio Macedo.

Devido à grande quantidade de ocorrências encontradas, não citamos todos os casos, visando evitar as repetições e a extensão desnecessária deste artigo. Apresentamos a seguir a seleção das ocorrências com suas devidas análises.

a) Ocorrências da preposição *a* – Análise de casos

Corpus: “Havendo ajustado com um vizinho irmos *a* missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo *a* meia-noite.” (ASSIS, 2007, p. 433)

Nas duas ocorrências da citação acima, ocorre o fenômeno fonético chamado de crase. Vejamos a definição de crase apresentada pelo professor Ozanir Roberti Martins em seu livro *Manual de Comunicação Oral e Escrita*:

A crase é um fenômeno fonético, caracterizado pela contração de duas vogais iguais. Para haver crase, há necessidade de dois elementos: 1ª vogal e 2ª vogal. Como a primeira vogal é sempre uma preposição, o acento da crase é um caso de regência, nominal ou verbal. (MARTINS, 2011, p. 252)

Segundo Houaiss (2009), o verbo *ir* no sentido de “deslocar-se a um lugar sem o propósito de ficar ou de demorar-se no local de destino, ou fazê-lo exatamente com esse propósito” é transitivo indireto e pronominal. Logo, o verbo *ir* pede a preposição *a*; e o substantivo *missa* pede o artigo *a*. Este exemplo

comprova o emprego da preposição *a* exposto por Evanildo Bechara, que afirma que esta preposição “introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos.” (BECHARA, 2009, p. 306) Embora, no exemplo, segundo a tradição, se trata de um adjunto adverbial de lugar.

Na concepção de Walmírio Macedo, seria um caso de preposição cheia, na perspectiva do espaço, visto que inicia um adjunto adverbial de lugar (segundo a análise tradicional). Além disso, a preposição indica *movimento para*, como no exemplo: Vou *a* Maceió.

Na segunda ocorrência da citação, mais uma vez temos um caso de crase, porém a função sintática encontrada é de um adjunto adverbial de tempo. Segundo Houaiss (2009), a palavra *acordar* no sentido de “fazer sair ou sair do sono ou sonolência” é um verbo de regência múltipla e pronominal. No caso em questão, é transitivo direto porque *acorda alguém* (-lo) seguido de uma circunstância de tempo.

Segundo Evanildo Bechara, a preposição *a* também introduz numerosas circunstâncias, como tempo em que uma coisa sucede. O que vai ao encontro do estudo de Rocha Lima, que afirma que a preposição *a* encabeça complementos circunstanciais e exprime um sem-número de relações, entre elas a de tempo.

Corpus: “Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, *a* estudar preparatórios.” (ASSIS, 2007, p. 433)

A oração “*a* estudar preparatórios” é uma oração subordinada adverbial final. Segundo o gramático Evanildo Bechara uma das circunstâncias introduzidas pela preposição *a* é a de fim ou destino.

Rocha Lima, por sua vez, afirma que a preposição *a* encabeça complementos circunstanciais em diversas relações como a de fim.

Corpus: “Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas *a* de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar *a* porta da sala o vulto de Conceição.” (ASSIS, 2009, p. 434)

Na primeira ocorrência desse trecho, encontramos mais uma vez o verbo *ir*, agora segundo o dicionário Houaiss no sentido de “deslocar-se em determinado trajeto”, neste caso constitui-se também um caso de verbo transitivo indireto. Mais uma vez fica clara a ideia de lugar, visto que o sujeito vai de um ponto a outro. Mais uma vez, o verbo *ir* pede a preposição *a*.

Na segunda ocorrência, temos o verbo *assomar*, que, segundo o dicionário Houaiss, é um verbo intransitivo no sentido de “principiar a mostrar-se, aparecer, surgir”. Logo, o trecho “à porta da sala” é mais um caso de adjunto adverbial de lugar. E mais uma vez está clara a ideia de lugar, aproximação, exposta pelos gramáticos estudados neste trabalho.

Corpus: “Comecei *a* dizer-lhe os nomes de alguns.” (ASSIS, 2009, p. 435)

Segundo Houaiss (2009), o verbo *começar* no sentido de “fazer a primeira tentativa ou ter a primeira experiência” é verbo intransitivo, logo não pede complemento. Segundo o professor Walmírio Macedo, a preposição *a* indica: “A + infinitivo forma expressão que substitui o gerúndio. Exemplo: Vivo a cantar. (= cantando)” (MACEDO, 1991a, p. 227) Logo, poderíamos substituir o trecho da citação por “Comecei dizendo-lhe (...)”

Já segundo o gramático Evanildo Bechara, a preposição *a* “prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de

sentido progressivo” (BECHARA, 2009, p. 306), como no exemplo: “Ando a ver se ponho os vadios para a rua.”

Corpus: “Pouco *a* pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas.” (ASSIS, 2007, p. 436)

Na ocorrência acima, a expressão “pouco a pouco” exerce a função de adjunto adverbial de modo. Segundo o renomado autor Evanildo Bechara, uma das numerosas circunstâncias introduzidas pela preposição *a* é a “distribuição proporcional, gradação”. Esse entendimento vai ao encontro do estudo do gramático Rocha Lima, o qual afirma que uma das relações expressas pelos complementos circunstanciais encabeçados pela preposição *a* é a relação de modo.

Assim como Walmírio Macedo afirma que a preposição *a* indica “moda, maneira”. Ainda na concepção de Walmírio, no exemplo “pouco a pouco”, teríamos um caso de preposição cheia, visto que não introduz nem um objeto indireto, nem um complemento nominal. Além disso, seria uma indicação de noção, haja vista que “pouco a pouco” significa o modo como o sujeito tinha-se inclinado, e poderia ser substituída na frase pelo advérbio lentamente.

Na visão de Cunha e Cintra (2008), também, teríamos a perspectivada da situação na noção, conceitos já trabalhados no capítulo anterior deste trabalho.

Corpus: “Há ocasiões em que sou como mamãe; acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, *a* toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno *a* deitar-me, e nada.” (ASSIS, 2007, p. 437)

Na primeira ocorrência da citação acima, há mais um caso de locução adverbial de modo, o que exemplifica a explicação de Rocha Lima, que em seu trabalho afirma que “com a preposição *a* formam-se numerosas locuções adverbiais.” (ROCHA LIMA, 2010, p. 444) Assim como Bechara que afirma que a preposição *a* introduz diversas circunstâncias como a de modo.

Segundo Macedo (1991), constitui-se mais um caso de preposição cheia indicando noção, visto que não indica nem espaço nem tempo.

Na segunda ocorrência, já temos um caso de preposição vazia, haja vista que inicia um objeto indireto, pois segundo Houaiss (2009), o verbo tornar, no sentido de “volver a (situação, estado ou tempo anterior), voltar”, é um verbo transitivo indireto, logo, pede a preposição *a*, comprovado também pelo estudo do professor Evanildo Bechara, que afirma que essa preposição introduz complementos verbais (objetos indiretos).

Corpus: “(...) pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me *a* estar sentado.” (ASSIS, 2007, p. 437)

Segundo Houaiss (2009), o verbo obrigar no sentido de “forçar(-se) a” é um verbo bitransitivo e pronominal, logo pede um complemento objeto direto e um objeto indireto, os quais são representados na frase por “-me” (objeto direto) e “a estar sentado” (objeto indireto). Observamos que a preposição *a* não leva o acento grave, porque vem antes de um verbo.

Mais uma vez, encontramos um caso de preposição vazia, conceito trazido por Walmírio Macedo, pois a preposição em questão inicia um objeto indireto. Esta ocorrência comprova o valor apresentado por Rocha Lima, que afirma em sua

obra que a preposição *a* “introduz os vários tipos de objeto indireto, correspondendo, portanto, o seu emprego ao emprego normal do dativo latino.” (ROCHA LIMA, 2010, p. 434), valor também trabalhado na *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara.

Corpus: “Já agora não trocava de lugar, como *a* princípio, e quase não saía da mesma atitude.” (ASSIS, 2007, p. 438)

A expressão “*a* princípio” exerce a função sintática de adjunto adverbial de tempo, visto que pode ser substituído sem prejuízo de sentido por “de início”, “inicialmente”, “primeiramente”, “no começo”.

Assim, não exercendo a função de objeto indireto, nem de complemento nominal, teríamos, na visão de Macedo, um caso de preposição cheia, indicando tempo. No estudo de Celso Cunha, representaria um caso na perspectiva da situação indicando tempo. Na perspectiva de Bechara, introduz uma circunstância de tempo em que uma coisa sucede.

b) Ocorrências da preposição *de* – Análise de casos

Corpus: “A casa em que eu estava hospedado era a *do* escrivão Meneses (...)” (ASSIS, 2007, p. 433)

Na concepção de Macedo (1991), o exemplo acima constitui um caso de preposição cheia, visto de não introduzir nem um objeto indireto, nem um complemento nominal. E, dentre o grupo de preposições cheias, indica noção. Para o autor, também nesse caso, a preposição *a* indica posse – a casa era do escrivão, lembrando que o que temos é a contração da preposição *de* + o artigo definido o.

Na perspectiva de Cunha e Cintra (2008), nós a enquadraríamos no conceito de movimento, na noção, haja vista que não representa nem tempo nem espaço.

Nos conceitos apresentados por Bechara (2009), cabe-nos lembrar a afirmação de que a preposição *de* “indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição.” (BECHARA, 2009, p. 313)

Corpus: “A segunda mulher, Conceição, e a mãe *desta* acolheram-me bem, quando vim *de* Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios.” (ASSIS, 2007, p. 433).

Na primeira ocorrência dessa citação, temos um assunto não abordado por todos os autores aqui estudados. Aliás, apenas Ribeiro (2006) e Bechara (2009) mencionam a contração das preposições: o primeiro, de forma sucinta, e o outro, de forma mais detalhada, mostrando todas as possíveis contrações e combinações das preposições *a*, *de*, *em*, *per*, *para* e *com*. No exemplo acima, temos a contração da preposição *de* + o pronome demonstrativo *esta*, que na frase em questão se refere ao substantivo *mãe*. Fica clara a ideia de posse já discutida no exemplo anterior.

Na segunda ocorrência, temos um caso onde a preposição *de* indica, segundo Rocha Lima (2010), “lugar donde, ponto de partida”. A preposição *de*, segundo Rocha Lima, seria também uma preposição fraca, sem sentido.

Na visão de Macedo (1991), a preposição *de* também indica lugar, e, segundo sua classificação, seria uma preposição vazia, haja vista que introduz um objeto indireto, pois, segundo Houaiss (2009),

o verbo *vir*, no sentido de “ser proveniente de, proceder, provir”, é um verbo transitivo indireto; logo, pede complemento objeto indireto, que é, na frase em questão, representado por “de Mangaratiba”.

Esse exemplo vai ao encontro da explanação de Bechara (2009), que afirma que a preposição *de* “indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço) (...)” (BECHARA, 2009, p. 312) Na visão de Celso Cunha, teríamos a preposição na perspectiva do movimento no espaço.

Corpus: “Fitei-a um pouco e duvidei *da* afirmativa.” (ASSIS, 2007, p. 435)

Segundo o dicionário Houaiss, o verbo *duvidar* no sentido de “não acreditar em, não estar convencido de” pode ser verbo transitivo direto ou indireto. No caso em questão é transitivo indireto; logo, pede complemento objeto indireto *de*, pois quem duvida, duvida de alguma coisa. Temos, mais uma vez, a contração da preposição *de* + artigo definido *a*. O antecedente é a forma verbal “duvidei”, e o conseqüente é o substantivo “afirmativa”.

Com base no estudo de Macedo (1991), teríamos mais um caso de preposição vazia, visto que inicia um objeto indireto. Na concepção de Cunha e Cintra (2010), nós a enquadraríamos na perspectiva do movimento na noção, haja vista que não se encaixa nem no tempo, nem no espaço.

Quanto à perspectiva de Bechara (2010), poderíamos citar a seguinte afirmação: A preposição de “introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal)” (BECHARA, 2009, p. 312) O que Bechara chama de complemento relativo é explicado em sua *Moderna Gramática Portuguesa* no capítulo “Estrutura do

enunciado ou período. A oração e a frase”. Vejamos a explicação do autor:

O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo*. (BECHARA, 2009, p. 419).

Corpus: “Não diga, já sei, é o romance *dos* Mosqueteiros.” (ASSIS, 2007, p. 435)

Na citação acima, a contração da preposição *de* + o artigo definido os indica o assunto de que trata o romance. A expressão exerce a função de adjunto adnominal. Na perspectiva de Macedo seria uma preposição cheia, visto que não exerce a função de objeto indireto nem de complemento nominal e indica noção.

Na análise de Cunha e Cintra (2010), esta preposição enquadra-se na perspectiva do movimento relativo à noção, visto que não indica tempo nem espaço. Este sentido comprova o estudo de Evanildo Bechara, que afirma que a preposição de “indica o assunto ou objeto de que se trata”. (BECHARA, 2009, p. 313) O mesmo dito por Rocha Lima (2008) quando exemplifica: “Falemos do direito ao gládio que reluz!” (Castro Alves).

Corpus: “Você, perdendo a noite, é capaz *de* não dormir *de* dia?” (ASSIS, 2007, p. 435)

Na primeira ocorrência desta citação, temos um caso de regência nominal, visto que o adjetivo capaz, no caso em questão, pede a preposição de, pois quem é capaz é capaz de alguma coisa. Constitui-se um caso de complemento nominal, haja vista que “de

não dormir de dia” complementa o adjetivo capaz. Logo, na concepção de Macedo, teríamos mais um caso de preposição vazia.

Na perspectiva de Cunha e Cintra (2010), nós a enquadraríamos no movimento, na noção, sendo “capaz” o antecedente e “de não dormir de dia” o consequente.

Tal circunstância apresentada na citação acima exemplifica o que Bechara afirma em seu trabalho: a preposição de “introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal).” (BECHARA, 2009, p. 312)

Já na segunda ocorrência, “dormir *de* dia” traz a circunstância de tempo, apresentada na visão de Cunha e Cintra (2010) como movimento no tempo. Segundo Houaiss (2009), verbo dormir, que significa “descansar em estado de sono, cair no sono, adorme cer” é verbo intransitivo, logo não pede complemento. Assim, “*de dia*” exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

Nesse sentido, na perspectiva de Macedo (1991), esta preposição, neste caso, é uma preposição cheia, que indica tempo, o que vai ao encontro dos estudos de Bechara (2009) e Rocha Lima (2010) que afirmam que uma das circunstâncias trazidas por esta preposição é a de tempo.

Corpus: “(...) falou *de* duas gravuras que pendiam *da* parede.” (ASSIS, 2007, p. 437)

Na primeira ocorrência da citação, temos o verbo falar como antecedente, e, segundo o dicionário Houaiss, o verbo falar no sentido de “discorrer, conversar, contar” é transitivo indireto, logo pede complemento objeto indireto. Mais uma vez, aplicando os conceitos de Walmírio Macedo temos uma preposição vazia, visto que inicia um objeto indireto.

Na perspectiva de Cunha e Cintra (2008), nós a enquadraríamos no movimento, na noção. E quanto a Evanildo Bechara, comprova-se a afirmativa do autor: “indica assunto ou o objeto de que se trata”.

Na segunda ocorrência, também temos um verbo transitivo indireto, pois, segundo o dicionário Houaiss, o verbo pender no sentido de “estar pendurado ou suspenso” é transitivo indireto, e pede a preposição *de*. Logo, mais um caso de preposição vazia. Porém, na perspectiva de Cunha e Cintra (2008), enquadra-se no movimento, no espaço. E na visão de Bechara (2009) indica a posição, o lugar.

Corpus: “Missa *do* Galo! Missa *do* galo!” (ASSIS, 2007, p. 439)

Nas duas ocorrências do trecho acima, a preposição *de*, na expressão que dá nome ao conto, inicia adjuntos adnominais. Temos a ideia de posse, agência ou especificação.

Assim, seguindo a concepção de Macedo (1991), temos mais um caso de preposição cheia, na perspectiva da noção, em vista de que não se enquadra no tempo nem no espaço. Na concepção de Cunha e Cintra (2008) teríamos a preposição na perspectiva do movimento na noção.

Como observamos, ambas as preposições, *a* e *de*, podem assumir diversos valores em relação ao contexto em que estão inseridas. Essa afirmativa comprova-se com as análises das ocorrências.

Conclusão

Este trabalho teve por objetivo analisar as potencialidades, propriedades, emprego e valores das preposições *a* e *de* presentes no conto *Missa do Galo* de Machado de Assis, tendo em vista que estas preposições são as mais frequentes, pertinentes

e polissêmicas em uso na Língua Portuguesa. Entretanto, cabe-nos ressaltar que ele não se apresenta nem tão extenso nem tão exaurível, tendo em vista a complexidade de tal pesquisa. É necessário frisar que o grande número de ocorrências da preposição *a*, assim como os diversos empregos da preposição *de* não impossibilitam que novas análises surjam. Com base no estudo dos pressupostos teóricos expostos e na análise do *corpus*, foi possível chegar às seguintes conclusões:

a) as preposições *a* e *de* são as mais frequentes, talvez pela infinidade de uso de seu conteúdo semântico, que possibilita o seu uso e a alternância em diferentes relações, sejam estas relações nominais (sintagmas nominais), relações verbo/complemento (sintagmas verbais), relações adjetivas, relações adverbiais (sintagmas adverbiais) e relações oracionais. Logo, as preposições *a* e *de* aparecem em adjuntos adnominais, adjuntos adverbiais, complementos nominais, objetos indiretos, objetos diretos preposicionados entre outras funções sintáticas.

b) o conteúdo semântico confirma a abrangência das seguintes dimensões: espaço, tempo e noção (aquele que não é nem tempo, nem espaço). E entendemos por noção os mais diversos semas significativos, como: posse, modo, meio, instrumento, etc.

c) embora as preposições possam ser consideradas polissêmicas, segundo o contexto no qual estejam inseridas, elas apresentam um conteúdo semântico próprio ou primário. Cabe-nos aqui citar Bechara: “Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.” (BECHARA, p. 298)

Assim, de acordo com as conclusões expostas acima, constatamos que, inegavelmente, as preposições possuem força ou carga semântica satisfatória, para serem caracterizadas como palavras não vazias de significado, isto é, vocábulos detentores de significado, que pode ser pleno ou neutralizado. Desse modo, na concepção de Macedo (1991), a maior ou menor carga semântica da preposição vai depender do grau de gramaticalização sintática e/ou semântica que a marca.

Na realidade, o que temos é uma contínua tríade de valores (funcional, relacional e nocional) e uma tríade de significados (espacial, nocional e temporal). As preposições podem possuir uma carga semântica mais plena ou menos plena e uma significação mais abstrata e menos concreta ou mais concreta e menos abstrata, em decorrência do seu emprego sintático-semântico inserido dentro de um contexto. O fato de

a preposição apresentar uma potencialidade imersa pronta para aflorar ou se neutralizar, assim como uma versatilidade de usos acarreta a sua valência (valores) e demonstra a sua relatividade (quanto ao emprego e ao contexto), caracterizando-a, assim, como polissêmica e ratificando que a preposição é uma unidade linguística com significado (que pode ser pleno ou parcial).

O estudo aqui proposto é apenas uma gota no imenso oceano gramatical de que nossa Língua Portuguesa faz parte. A análise do sintagma preposicional é apenas uma contribuição para um enfoque sintático e semântico das preposições, em especial as preposições **a** e **de**, e, principalmente, quando utilizadas como marcadores funcionais (sintático) e/ou nocionais (semântico: espacial, nocional e temporal).

Referências

ASSIS, Machado de. **50 contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (versão eletrônica)

MACEDO, Walmírio. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1991.

MARTINS, Ozanir Roberti. **Manual de comunicação oral e escrita**. Rio de Janeiro: Caetés, 2011.

RIBEIRO, Manoel Pinto. **Gramática aplicada da língua portuguesa**. 16ª ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.